

TEGNODIVERSIDADE

YUK HUI

TRADUÇÃO
HUMBERTO DO AMARAL

7	<i>Apresentação</i>
	RONALDO LEMOS
15	<i>Prefácio a esta edição</i>
21	1. Cosmotécnica como cosmopolítica
47	2. Sobre a consciência infeliz dos neorreacionários
73	3. O que vem depois do fim do Iluminismo?
97	4. Máquina e ecologia
127	5. Variedades da experiência da arte
157	6. Sobre os limites da inteligência artificial
189	7. Cem anos de crise
215	<i>Fontes dos textos</i>
216	<i>Índice onomástico</i>
219	<i>Sobre o autor</i>

APRESENTAÇÃO

CONTRA O DERROTISMO EM FACE DA TECNOLOGIA

Ler ou não Yuk Hui pode ser comparado à decisão de tomar a pílula azul ou a pílula vermelha no filme *Matrix* [Lilly e Lana Wachowski, 1999]. Optar por não ler sua obra é escolher a pílula azul: uma bela prisão cognitiva em que permanecemos no conforto da ignorância, enquanto enxergamos a tecnologia como uma força monolítica que avança por si só. Adentrar sua obra, ao contrário, é tomar a pílula vermelha, que nos leva a um futuro incerto, mas, ao mesmo tempo, libertador dos grilhões que a ideia monolítica de tecnologia nos impõe, permitindo aceder a uma forma mais profunda de realidade, certamente mais dura e difícil, porque eivada de responsabilidades.

Em outras palavras, Yuk Hui articula como ninguém uma filosofia da tecnologia libertadora e em essência humanista. Essa visão é especialmente importante no mundo de hoje, sobretudo no Ocidente, onde nosso pensamento foi capturado por concepções sobre tecnologia que são de uma pobreza e de uma miséria enormes. A aceitação crescente da ideia de “singularidade” como orientadora da nossa relação com a tecnologia é um exemplo disso. Por singularidade entenda-se o momento hipotético em que a tecnologia se torna incontrolável e irreversível, fonte de mudanças imprevisíveis na civilização – aquele momento em que a ficção científica prevê a superação do homem pela máquina, que adquire inteligência e consciência de si. A ideia de singularidade é uma distração. Ela pode ser muito útil para a

ficção científica e para criar ótimos filmes, mas, como orientadora de políticas públicas e do pensamento relacionado à tecnologia, é um conceito miserável.

Yuk Hui consegue demolir, pedra por pedra, qualquer vestígio dessa ideia que tomou conta do pensamento ocidental. Ele mostra que o que chamamos “tecnologia” não é um absoluto, um fenômeno único ou universal; diferentes sociedades e comunidades políticas podem ter manifestações completamente distintas dela. Nesse sentido, é muito mais realista trabalhar com o conceito de “multiplicidade” do que de “singularidade”. Afinal, além de preservar um ponto cego no pensamento sobre a tecnologia, essa concepção de singularidade é uma ferramenta política: se a tecnologia é um universal, que forças definem sua construção e disseminação? Nesse sentido, quem molda a tecnologia como universal assume uma postura de dominação, submetendo o mundo a sua cosmovisão. Yuk Hui mostra como ninguém os limites dessa estratégia. Na conversa que tivemos na Universidade Federal do Rio de Janeiro e no Instituto de Tecnologia e Sociedade em 2019, ele falou sobre quanto seria “confortável” se a tecnologia funcionasse como uma força independente e superior à natureza, como os proponentes da singularidade parecem defender. Seria o mesmo conforto da pílula azul de *Matrix*.

No entanto, a tecnologia não tem nenhuma capacidade de transcendência *sobre* a natureza, ela *faz parte* da natureza e do “cosmos”. Seria uma cegueira infeliz pensar de outra forma. Yuk Hui gosta de citar D.H. Lawrence para exemplificar esse fato: “Quando ouço pessoas reclamarem de estar sozinhas, então sei o que aconteceu. Elas perderam o cosmos”. Da mesma forma que a solidão, a confiança na tecnologia divorciada do humano pode ser também uma forma de perda do cosmos.

É contra essa interposição da tecnologia entre a humanidade e o cosmos que Yuk Hui se insurge.

Não surpreende, portanto, que Hui tenha nascido em Hong Kong. Entre os muitos papéis que a China tem desempenhado, alguns são inconspícuos. O país vem se tornando uma potência de imaginação. Hoje, por exemplo, produz, na minha opinião, a melhor ficção científica do planeta, na voz de autores como Liu Cixin ou autoras como Xia Jia e Hao Jingfang. Isso é importante porque, como dizia Jules Michelet, “cada época sonha com a que virá a seguir, criando-a primeiro em sonhos”. Quem sonha melhor é também mais capaz de projetar melhor o futuro.

Mais do que o sonho, Yuk Hui traz uma das visões mais originais e poderosas sobre como pensar a tecnologia com base em uma perspectiva plural, que inclui tanto o Ocidente quanto o Oriente. No seu livro *The Question Concerning Technology in China: An Essay in Cosmotronics*, ele faz um apanhado impressionante de como os pensamentos ocidental e oriental trataram a questão da “tecnologia”, mostrando que o conceito “tecnologia” tal como formulado no Ocidente nem sequer pode ser visto na história do pensamento chinês, evidenciando as falhas de se pensar a tecnologia como um universal.

Muitos acreditaram que a tecnologia seria capaz de fazer nossa capacidade de agir coletivamente avançar, levando ao progresso da cultura, da democracia, da política ou do pensamento científico – em outras palavras, à expansão dos valores ocidentais pelo planeta. Mas essa visão otimista, que via a tecnologia como uma força universal e objetiva, não se concretizou. Nos últimos anos, houve uma guinada de percepção sobre o papel da tecnologia, bem detectada como premissa por Yuk Hui. A tecnologia vem se mostrando uma força de atomização, que dissolve o coletivo em individualidades cada vez menores

e particulares. Uma força que pode ser capturada por interesses específicos, bem financiados e organizados. O que nos leva à incômoda questão: pode um “universal” ser privatizado? Se sim, certamente não é um universal. Em face dos desdobramentos distópicos recentes da tecnologia, é preciso descartar com urgência essa ideia de universal da tecnologia.

Para compreender a tecnologia para além desse universal, Yuk Hui invoca a busca por uma nova cosmologia, que permitiria a construção de um olhar “de fora”, que colocasse a técnica em seu devido lugar, qual seja, de apenas mais um entre os elementos da existência. Essa ideia de “cosmotécnica” é libertadora.

O Ocidente, nesse contexto, continua a orientar sua marcha sob a égide do tecnocentrismo. Autores ocidentais, mesmo sagazes, como Danny Hillis, vêm entendendo que a tecnologia provoca um ocaso do humanismo e do Iluminismo (*Enlightenment*), substituindo ambos pelo que Hillis chama de entrelaçamento (*Entanglement*). Nesse “entrelaçamento” estaria surgindo uma nova técnica que assumiria as vezes da natureza e seria incompreensível para a humanidade. Um exemplo seriam as aplicações de inteligência artificial que funcionariam em modelo de “caixa-preta”, inacessíveis aos seres humanos, deslocando-os para um papel subalterno à técnica nessa nova cosmotécnica miserável.¹

Em outras palavras, enquanto um tecnocentrismo como esse prega uma rendição diante da técnica (tal como no caso da singu-

¹ Pode-se travar a mesma contenda com Yuval Noah Harari. No livro *Homo Deus*, o autor israelense propugna o fim do humanismo, a ser substituído por imperativos tecnológicos, em linha parecida com as ideias de Hillis. Nesse ponto, creio que o pensamento de Harari seja digno de crítica dada sua visão empobrecida sobre tecnologia. Ele também age aceitando e anunciando essa derrota do homem pela tecnologia.

laridade ou do entrelaçamento), a articulação de Yuk Hui ocorre no sentido oposto, de fuga de qualquer tipo de determinismo.

Faz sentido. As múltiplas crises provocadas pela tecnologia (das *fake news* ao aumento da desigualdade) demandam um pensamento novo sobre essa relação. Nas palavras da cientista americana Donella Meadows, a maneira mais eficaz de interferir em um sistema é modificar o estado mental ou o paradigma a partir do qual esse sistema – seus objetivos, poder, estrutura, regras e cultura – surge. Todas as outras estratégias – mudanças nos objetivos do sistema, nas regras que se aplicam a ele, na sua estrutura ou na forma como evolui – são menos relevantes.

Essa subordinação da natureza à técnica lembra o poema de Richard Brautigan de 1967 chamado “All Watched Over by Machines of Loving Grace” [Tudo observado por máquinas de adorável graça], cuja leitura é um alerta de um futuro indesejável à luz desse novo contexto:

*Gosto de pensar (e
quanto antes melhor!)
em um prado cibernético
onde mamíferos e computadores
vivem juntos em harmonia
mutuamente programável
como água pura
que toca o céu claro.*

*Gosto de pensar
(desde logo, por favor!)
em uma floresta cibernética
repleta de pinheiros e eletrônicos
onde cervos passam em paz*

*pelos computadores
como se fossem flores
de desabrochar torcido.*

*Gosto de pensar
(assim há de ser!)
em uma ecologia cibernética
em que estaremos livres do trabalho
e unidos de novo à natureza,
de volta aos mamíferos
nossos irmãos e irmãs
tudo observado por máquinas de adorável graça.²*

Sem um paradigma e um novo estado mental que permitam sonhar além da tecnologia, a capitulação torna-se mesmo inevitável. Yuk Hui é o artífice desse novo pensamento. Assim como a lua do escritor Campos de Carvalho,³ hoje o melhor pensamento filosófico sobre tecnologia também vem da Ásia.

RONALDO LEMOS nasceu em 1976 em Araguari, Minas Gerais. Advogado especialista em tecnologia, foi professor da Universidade Columbia, em Nova York, e do Schwarzman College na Universidade de Tsinghua, em Pequim. É cientista-chefe do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro e diretor do Creative Commons Brasil. Participou da formulação do Marco Civil da

² Richard Brautigan, *All Watched Over by Machines of Loving Grace*. San Francisco: Communication Company, 1967.

³ Referência ao romance surrealista de Campos de Carvalho, *A lua vem da Ásia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. [N.E.]

Internet, lei que regulamenta o uso da Internet no Brasil. É coautor de *A vida em rede* (Campinas: Papyrus, 2015) e autor de *Futuros possíveis: Mídia, cultura, sociedade, direitos* (Porto Alegre: Sulina, 2012), além de artigos e colaborações para jornais e revistas.

SOBRE O AUTOR

Yuk Hui (許煜) nasceu na China. Falante de mandarim, cantonês, teochew, inglês, francês e alemão, formou-se em engenharia computacional pela Universidade de Hong Kong em 2003. Em 2007, concluiu sua dissertação de mestrado em Teoria Cultural pelo Goldsmiths College, em Londres, na Inglaterra. Em 2011, defendeu sua tese de doutorado em filosofia pela mesma instituição, com orientação do filósofo francês Bernard Stiegler. Em 2012, completou um pós-doutorado no Instituto de Pesquisa e Inovação do Centro Pompidou, em Paris, na França. Entre 2012 e 2018, deu aulas no Instituto de Filosofia e Arte da Universidade Leuphana, em Luneburgo, na Alemanha, onde também atuou como pesquisador no Instituto de Cultura e Estética Midiática. Em 2015, defendeu sua livre-docência pela mesma instituição. Em 2019, foi professor na Universidade Bauhaus, em Weimar, na Alemanha. Desde então, é professor na Universidade da Cidade de Hong Kong e professor visitante da pós-graduação em filosofia e tecnologia da Academia de Artes da China, em Hanchou. Hui fundou a Research Network for Philosophy and Technology [Rede de pesquisa em filosofia e tecnologia], uma plataforma internacional que visa facilitar pesquisas nas áreas de filosofia e tecnologia. É editor da coleção de filosofia da mídia e tecnologia da editora da Academia de Ciências Sociais de Xangai, da China. Seus ensaios já foram publicados em revistas como *Research in Phenomenology*, *Metaphilosophy*, *Theory Culture & Society*, *Angelaki*, *Parrhesia*, *Cahiers Simondon*, *Deleuze Studies*, *Derrida Today*, *Techné*, *Jahrbuch Technikphilosophie*, *Implications Philosophiques*, *Krisis*, *Intellectica*, *New Formations* e *Zeitschrift für Medienwissenschaft*.

COLEÇÃO EXIT Como pensar as questões do século XXI? A coleção Exit é um espaço editorial que busca identificar e analisar criticamente vários temas do mundo contemporâneo. Novas ferramentas das ciências humanas, da arte e da tecnologia são convocadas para reflexões de ponta sobre fenômenos ainda pouco nomeados, com o objetivo de pensar saídas para a complexidade da vida hoje.

LEIA TAMBÉM

<i>24/7 – capitalismo tardio e os fins do sono</i> Jonathan Crary	<i>Desobedecer</i> Frédéric Gros
<i>Reinvenção da intimidade – políticas do sofrimento cotidiano</i> Christian Dunker	<i>Big Tech – a ascensão dos dados e a morte da política</i> Evgeny Morozov
<i>Os pecados secretos da economia</i> Deirdre McCloskey	<i>Depois do futuro</i> Franco Berardi
<i>Esperando Foucault, ainda</i> Marshall Sahlins	<i>Diante de Gaia – Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno</i> Bruno Latour

© Yuk Hui, 2020

© Ubu Editora, 2020

Coordenação editorial FLORENCIA FERRARI

Assistentes editoriais ISABELA SANCHES e JÚLIA KNAIPP

Preparação FABIANA MEDINA

Revisão TOMOE MOROIZUMI e VALQUÍRIA DELLA POZZA

Projeto gráfico da coleção ELAINE RAMOS e FLÁVIA CASTANHEIRA

Projeto gráfico deste título LIVIA TAKEMURA

Produção gráfica MARINA AMBRASAS

Comercial LUCIANA MAZOLINI

Assistente comercial ANNA FOURNIER

Gestão site / Circuito Ubu BEATRIZ LOURENÇÃO

Criação de conteúdo / Circuito Ubu MARIA CHIARETTI

Assistente de comunicação JÚLIA FRANÇA

Nesta edição, respeitou-se o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

UBU EDITORA

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219-011 São Paulo SP

(11) 3331-2275 ubueditora.com.br

professor@ubueditora.com.br

  /ubueditora